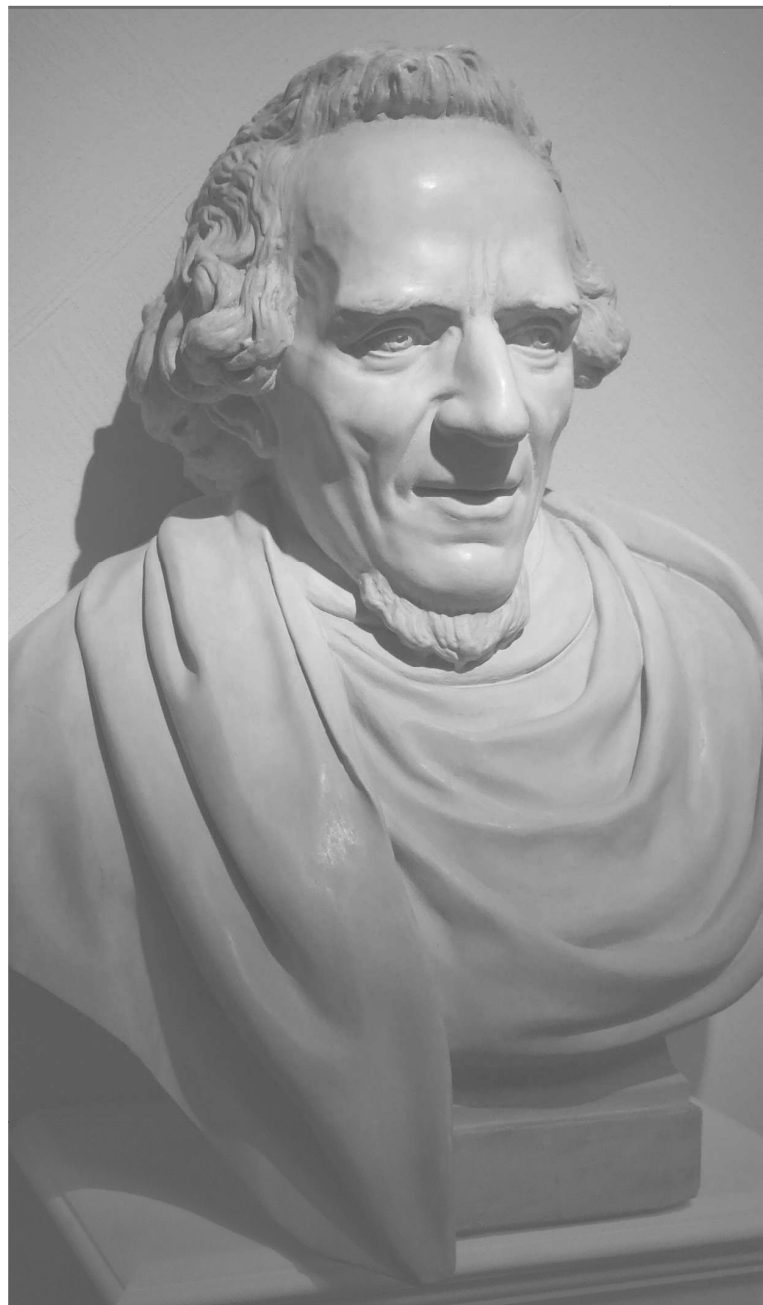




Moses Mendelssohn

FÉDON
ou sobre a
imortalidade da alma

Tradução
Luiz Filipe Oliveira

Apresentação
Humberto Schubert Coelho

2025


MADAMU

Copyright © Editora Madamu, 2025

Editores

Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Capa

KOPR Comunicação.

Busto de Moses Mendelssohn, esculpido por Jean-Pierre-Antoine Tassaert (1727–1788). Acervo do *Jewish Museum*, Berlim. Foto de James Steakley.

*Todos os direitos reservados à Editora Madamu
Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP
CEP 03128-010 – Tel.: (11) 2966 8497
www.madamu.com.br
E-mail: leitor@madamu.com.br*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)



*Dedico esta tradução ao meu mestre e amigo
Luís H. Dreher, por meio de quem tudo começou.*

SUMÁRIO

9	<i>Apresentação</i>
15	<i>Introdução</i>
29	PREFÁCIO
33	A VIDA E O CARÁTER DE SÓCRATES
61	PRIMEIRO DIÁLOGO
109	SEGUNDO DIÁLOGO
139	TERCEIRO DIÁLOGO
173	Anexo referente a algumas objeções feitas ao autor
193	Dúvidas e oráculo sobre a determinação do homem
223	Cartas entre Mendelssohn e Herder sobre a imortalidade da alma
244	<i>Sobre o tradutor</i>

Apresentação

“A Alemanha não conhece nenhum sábio universal que tenha apresentado e ensinado a religião da razão em toda a sua altivez, tão sem erro, mescla ou prejuízos, quanto o fez o Fragmentista”.¹ Com essa afirmação, Gotthold E. Lessing elevava seu amigo e maior parceiro intelectual de três maneiras: reconhecia-o como o mais destacado iluminista alemão da década de 1780; como o mais importante proponente de uma religião racional ou de uma teologia racional — título geralmente atribuído ao próprio Lessing² — e lhe dava crédito por estabelecer uma nova e mais intensa forma de escrita de fragmentos filosóficos.

Lessing não foi o único a estimar a profundidade intelectual e a estatura de caráter do grande racionalista judeu. Mendelssohn se envolveu em diversas questões e controvérsias públicas ao longo da vida, algumas vezes em defesa da comunidade judaica, outras contra distinções que, conquanto favoráveis, pudessem

1. Mendelssohn, Moses. *Gesammelte Schriften Jubiläumsausgabe*. Stuttgart: Friedrich Frommann Verlag Günther Holzbock, 1974. Bd. III, p. 125.

2. Thielicke, Helmut. *Offenbarung: Vernunft und Existenz*. Kassel: Gütersloher, 1957. pp. 60-71.

reforçar a segregação entre judeus e outros alemães — ou outros cidadãos de qualquer nação.³

Em 1762, Mendelssohn ganhara o primeiro prêmio de um concurso da academia de Berlin por seu ensaio *Tratado sobre a evidência nas ciências metafísicas*. Immanuel Kant ficou com o segundo prêmio. “Em suas *Preleções sobre o ser de Deus*, atacou o monismo como falência da razão. Em parte, alinhado ao sistema Leibniz-Wolff, em parte convictamente judeu, isto é, teísta, chegava a compartilhar o desprezo de Jacobi pelo espinosismo”.⁴ Para ele, mecanicismo e monismo só se habilitariam a uma única e pouco meritória conquista, a de unir “ateístas e místicos fanáticos”⁵.

Mas a obra prima do filósofo, e a que lhe garantiu o título de “Sócrates judeu”, foi *Fédon: ou, a imortalidade da alma*. Com esse livro, Mendelssohn marcou posição tanto como herdeiro do sistema Leibniz-Wolff quanto como judeu iluminista, isto é, que advogava uma visão universal da própria essência da fé judaica. Segundo essa proposta, a fé judaica seria essencialmente ética, e nem os ritos nem a filiação seriam imprescindíveis para a salvação da alma. A mensagem de Deus a Moisés e os princípios de toda a

3. Uma das mais célebres dessas polêmicas foi a travada entre Mendelssohn e o intelectual católico Christian Dohm, que defendia que os rabinos deveriam ter garantido o direito de excomunhão. Embora essa fosse uma concessão que visava igualar os sacerdotes judeus aos cristãos, garantindo-lhes autoridade adicional, Mendelssohn rebateu a proposta de Dohm alegando a desumanidade e a irracionalidade do próprio princípio da excomunhão, que a confissão é um direito individual e de consciência, e que nenhum ser humano pode pretender cortar os laços de outro com Deus. Ver Meyer, Michael A. *Response to Modernity: A History of the Reform Movement in Judaism*. Detroit: Wayne State University Press, 1995. p. 20.

4. Coelho, Humberto Schubert. *Secularização e Reforma do Judaísmo entre Moses Mendelssohn e Abraham Geiger: reações da comunidade judaica ao processo modernizador*. Off.Lates: Revista Laboratório Temática 3. 30/08/2023.

5. Mendelssohn, Moses. *Gesammelte Schriften Jubiläumsausgabe*. Stuttgart: Friedrich Frommann Verlag Günther Holzbock, 1974. Bd. III, p. 104.

tradição rabínica, afirmava Mendelssohn, atestam que todo homem bom e justo será salvo.

A religião racional correspondente a esse conceito de fé se resume ao louvor a Deus e à excelência da conduta, duas coisas que qualquer pessoa munida tão somente da filosofia pode realizar plenamente. Resta ao filósofo, portanto, mais que ao sacerdote, instruir e preparar as almas para a própria purificação e para o encontro com Deus.

Toda a obra de Mendelssohn explora e fundamenta a religião racional,⁶ mas seu *Fédon* coroa o impressionante conjunto de toda a tradição metafísica Leibniz-Wolff no que tange à questão “que destino o Bem Supremo haverá de reservar às suas criaturas?”. Trata-se, portanto, de um argumento sobre a natureza e a bondade de Deus estendido à preocupação moral e existencial do sentido da vida humana, e não de um argumento puramente humano, o que, ao final, naufragaria por falta de fundamentação última.

Mendelssohn não inova ao escrever sobre a imortalidade da alma e suas consequências (o que a razão pode especular sobre uma vida após a morte). Quase todos os filósofos clássicos escreveram um tratado específico ou dedicaram partes de seus escritos principais a esse tema. Platão e Aristóteles entendiam que a parte imortal do ser humano é não apenas a racional como também aquela cuja vida pode florescer e alcançar a felicidade. Sócrates e diversos pré-socráticos já os haviam precedido tanto no aspecto epistemológico quanto no aspecto moral dessa apologia do espírito imortal, mas foram os pais da metafísica que efetivamente

6. Lauro, Monalisa M. *A imortalidade da alma na filosofia crítica de Kant: um estudo a partir de seu confronto com o Fédon de Mendelssohn*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

deram sustentação rigorosa às intuições dos sábios da Antiguidade.⁷ Plotino, o sintetizador da cultura antiga, e todos os filósofos neoplatônicos e cristãos — a vasta maioria entre os séculos III e XVIII — ou escreveram defesas da imortalidade do espírito, ou a consideraram subentendida como noção introdutória. A posição quase unânime dos pensadores em favor da imortalidade do espírito só perderá essa hegemonia na segunda metade do século XIX, e uma significativa porção de pensadores daquele século se tornaram famosos justamente por contestarem a tendência geral.

É, portanto, interessante que o tema nos soe exótico após o século XX, e ainda mais estranho que textos como o *Fédon* de Mendelssohn sejam tratados com certa estranheza, como se estivessem fora do lugar, o que só comprova a precariedade da educação contemporânea.

Parte dessa guinada, no entanto, teve sua razão de ser nas críticas desferidas pelo mais célebre filósofo moderno contra Mendelssohn, Immanuel Kant. Mal compreendidas, essas críticas tipicamente kantianas ao dogmatismo não significavam rejeição da defesa da imortalidade como parte do portfólio básico da razão humana. De certa forma, Kant dá mais um passo além na e para fora da tradição Leibniz-Wolff, tornando o argumento em favor da vida após a morte puramente moral.⁸

Couberam a pensadores não metafísicos, portanto, como Feuerbach e Comte, os papéis principais na desmoralização dos argumentos sobre a vida após a morte e a imortalidade da alma.

7. Segundo J. Hardy e C. Schamberger, os argumentos desenvolvidos no *Fédon* de Platão continuam válidos, e não foram contestados por argumentos da mesma estatura após 2.400 anos. Ver Hardy, Jörg; Schamberger, Christoph. *Logik der Philosophie. Einführung in die Logik und Argumentationstheorie*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2012.

8. Kant, Immanuel. *Kritik der praktischen Vernunft*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2003. p. 123.

Consequentemente, o retorno às “fases finais” dos argumentos da tradição filosófica sobre a imortalidade da alma tem imensa importância histórica, por permitir a comparação entre as versões metafísicas tradicionais, as versões da metafísica da subjetividade — de Kant e, principalmente, dos idealistas — e versões dos opositores.

Uma palavra precisa ser dita sobre os tremendos desafios dos trabalhos de tradução no Brasil.

Traduções de textos técnicos, filosóficos ou poéticos são em si tarefas melindrosas e desafiadoras, onde os riscos ultrapassam em muitas vezes o de traduções de textos populares. Não é possível traduzir razoavelmente um texto filosófico, ainda que curto, sem grande conhecimento da filosofia, de modo que essas traduções exigem décadas de investimento tanto nos idiomas envolvidos quanto no conteúdo e estilo a serem traduzidos.

É de espantar que textos clássicos, de vários séculos, ainda esperem por traduções portuguesas, mas é ainda mais espantoso que os paladinos da cultura, que lentamente cultivam as habilidades necessárias e que se entregam, por amor ao saber ou à arte, a essa desafiadora tarefa, quase invariavelmente sem ou com parca remuneração, não sejam mais reconhecidos e mais exaltados.

Humberto Schubert Coelho
Juiz de Fora, 16/06/2024

Introdução

MOSES MENDELSSOHN (1729-1789) foi um filósofo judeu alemão, expoente da tradição racionalista que manteve diálogo constante com figuras renomadas como Lessing, Friedrich Jacobi e Kant. É também considerado o pai da *Haskalah*, o Iluminismo judaico, movimento crucial para a disseminação de ideias iluministas, como o cosmopolitismo, que eram especialmente importantes para a comunidade judaica da época em busca de reconhecimento e integração na sociedade europeia. Em linhas gerais, a *Haskalah* buscava a integração dos judeus nos diversos aspectos seculares da Europa, como sua ativa participação nas decisões de cunho político e econômico daquela sociedade. Mendelssohn naquele momento, com sua participação ampliada nas discussões política e filosóficas de seu tempo, tornou-se um dos fundadores e maiores expoentes desse movimento.

Um grande exemplo do cosmopolitismo de Mendelssohn vem certamente da obra *Natã, o Sábio* de Lessing, seu amigo pessoal, que concebeu o personagem principal de sua peça, Natã, um judeu tolerante, inspirado em Mendelssohn. A respeito de sua amizade com Lessing, Mendelssohn envolveu-se numa disputa filosófica marcante para o desenvolvimento da filosofia alemã pós-kantiana. Esta ficou conhecida como “querela do panteísmo”. Grosso modo, após a morte de Lessing, Friedrich Jacobi publicou uma sé-

rie de cartas trocadas entre ele e o amigo recém falecido, acusando-o de espinosismo, o que na época era sinônimo de ateísmo. Mendelssohn então disputou com Jacobi o legado de Lessing, defendendo a figura pública de seu amigo frente aos ataques de Jacobi. Isso pode ser observado na obra *Sobre a doutrina de Espinosa em cartas ao senhor Moses Mendelssohn*, publicada por Jacobi em 1785, que compila as cartas trocadas entre eles a respeito dessa questão.

Mendelssohn, nessa altura, já havia ganhado o prestígio público, tendo se envolvido em disputas filosóficas abertas com Immanuel Kant. Em 1763 ganhou o prêmio da Academia Prusiana de Artes em um concurso literário que disputou exatamente com Kant. Em 1767 ele publicou *Fédon, ou sobre a imortalidade da alma*, um texto filosófico de cunho racionalista que seria amplamente lido, gerando várias edições e que seria traduzido para diversos idiomas, consolidando a fama de Mendelssohn.

Se há uma obra que captura com excelência o ideal cosmopolita exalado pelo Iluminismo alemão, essa certamente é o *Fédon* de Mendelssohn. Trata-se do trabalho de um autor judeu-alemão, utilizando personagens e um método de exposição tipicamente gregos, argumentando metafisicamente pela via racionalista, remontando a pensamentos originários franceses, com uma preocupação inabalável a respeito da determinação, ou destinação, do homem, cuja discussão se insere no contexto da virada antropológica fortalecida pela recepção alemã do deísmo inglês.

A escolha do título, evocando homonimamente a obra de Platão, ecoa a aspiração iluminista de universalizar o conhecimento, sugerindo que nenhuma obra singular deve ser exclusiva, mas sim patrimônio intelectual do gênero humano, suscetível, portanto, de aprimoramento típico. As ideias seminais da obra de Platão, nesse sentido, extrapolavam os limites nominais do autor

e se elevava ao estatuto de tesouro natural da humanidade, ou seja, passara à domínio público. Lapidar esse tesouro e traduzi-los de acordo com os carecimentos da época foi a tarefa de Mendelssohn. Seu sucesso pode ser mensurado através da alcunha que conquistara, a de “Sócrates alemão”.

Para além da honraria de ser tratado como o Sócrates de sua terra, o título carrega uma nuance que devemos enfatizar antes de começarmos a exposição da obra. O Sócrates retratado aqui não deve ser encarado como uma representação exata do Sócrates que conhecemos dos escritos de Platão. Trata-se mesmo de um Sócrates alemão, que reúne em si as idiosincrasias de Mendelssohn e de seu tempo, ou seja, é um Sócrates cujas ideias refletem os ideais, argumentos e reflexões típicas do século XVIII alemão. O recurso a Sócrates, um filósofo anterior ao cristianismo, é típico de quem queria tratar a questão da imortalidade fora dos limites das discussões teológicas. Nesse sentido, traduz o ideal típico do iluminismo alemão de tratar de questões metafísicas sob o ponto de vista da própria filosofia, da própria razão.

Para contextualizar melhor o presente texto, é relevante mencionar que Wilhelm Dilthey o considerou um “clássico da psicologia racional”⁹, e o próprio Mendelssohn afirmou que havia o risco de seu Sócrates retratado ser interpretado pelo público como um seguidor de Leibniz. Segundo Hegel, trata-se de uma releitura do diálogo platônico, *Fédon*, “modernizado e transformado em metafísica wolffiana”. Por fim, revestir o diálogo originalmente platônico com a roupagem da filosofia de sua época sempre foi o

9. Dilthey, Wilhelm. *Gesammelte Schriften*, 9. Aufl. Bd. 1: *Einleitung in die Geisteswissenschaften*. Göttingen 1990, p. 13.

objetivo de Mendelssohn. Vemos isso claramente em carta a Isaak Iselin em 5 de julho de 1763:

Um desses trabalhos é uma tradução, a saber, da República de Platão. É uma vergonha que os alemães tenham traduzido quase nada dos escritos deste filósofo para sua língua e que, em particular, esta obra divina, a República, que merece ser chamada de obra-prima simplesmente por sua inventividade e composição, não tenha encontrado, ao que parece, um entusiasta entre nós. Traduzi três de seus livros como amostra. No entanto, duvido que a sociedade aceite traduções.

O segundo trabalho representa uma ideia que acalentei por muitos anos, a saber, escrever um Fédon ou Diálogo sobre a Imortalidade da Alma Humana em conformidade com o projeto de Platão, mas verdadeiramente e definitivamente tomando emprestado dele não mais do que o projeto, que é magnífico. Seu raciocínio, no entanto, é pouco convincente, e um leitor moderno encontra apenas obscuridade e sofisma onde os amigos de Sócrates encontravam luz e convicção. Talvez nossos tempos sejam mais difíceis de satisfazer, como alguns acreditam ser o caso, ou — como sustento — tenhamos uma compreensão incorreta de sua terminologia metafísica porque os críticos e lexicógrafos têm que extrair o significado das palavras dos poetas e historiadores. Resolvi, portanto, tornar os argumentos de Platão mais enfáticos e convincentes por meio de pequenas modificações e, além disso, adicionar argumentos fornecidos pela filosofia moderna, cujo número e peso não

são pequenos. A primeira parte desse projeto está concluída. Ela avança nas provas para a incorruptibilidade da alma. As provas sobre a imortalidade devem seguir em uma segunda seção. — Você não considera que este assunto está muito distante do propósito da Sociedade? Aguardo seu gentil julgamento¹⁰.

O contexto da correspondência ocorreu em torno do convite que Iselin fez a Mendelssohn em 1762, de se tornar um membro correspondente da recém-fundada Sociedade Patriótica de Berna, contribuindo para o *Jornal em favor da Moralidade e Legislação*. Mendelssohn então havia aceitado contribuir, depois de alguma relutância, tendo anunciado o envio de um trabalho estrito de tradução, referente à *A República* de Platão, e em sequência a primeira parte de um trabalho de adequação dos argumentos contidos no *Fédon* platônico a seu tempo. Certamente, por essa “primeira parte”, dita que já estaria pronta, devemos entender o primeiro diálogo da obra. Por sua vez, o incentivo de Iselin foi crucial para Mendelssohn levar à frente um projeto que havia anunciado a Lessing desde o início dos anos 60, mas, tampouco suficiente para que a obra viesse à luz. A Sociedade que Mendelssohn acabara de aderir fechou as portas em 1765 sem que o *Jornal*, que publicaria a primeira parte da obra, sequer tivesse sido lançado.

Conforme Mendelssohn faz questão de anunciar no Prefácio, a publicação da obra em si deve-se a discussão que ele nutriu com Thomas Abbt em torno da questão da determinação [*Bestimmung*] do homem. Foi somente a partir das cartas trocadas

10. Mendelssohn, Moses. Briefe an Isaak Iselin. In: HUBER, August; JENNY, Ernst (Hrsg.), Basler Jahrbuch 1923, pp. 65-66.

com este amigo, iniciadas no início de 1764, que Mendelssohn conquistou o estímulo necessário para levar à frente o projeto iniciado.

A discussão sobre a determinação do homem a qual se envolveram os dois amigos consistia em considerações a respeito de um monólogo bastante influente na época, publicado originalmente em 1748, mas que no momento já aparecia em sua sétima edição, por Johann Joachim Spalding, denominado *Betrachtung über die Bestimmung des Menschen*. Que a obra tenha alcançado grande repercussão no contexto de consolidação da Filosofia clássica alemã pode ser observado pelo dito de Fichte que tal obra havia lançado a primeira semente de uma especulação mais elevada em sua alma. Essa semente pode ser observada pelo modo como Spalding conduz o monólogo e pelos temas que são abordados. Mais especificamente, trata-se de uma reflexão em direção à própria subjetividade humana, questionando a partir de si mesmo qual a posição do gênero humano no grande plano do mundo. Conduzindo o exame através de seu sentimento moral, Spalding alcança a ideia de que tal determinação consistiria em um autoaperfeiçoamento contínuo, o que colidia imediatamente com a certeza de finitude da vida presente. Ora, considerando que esse autoaperfeiçoamento jamais poderia ser plenamente realizado nesta vida finita, sua determinação deveria ser a vida eterna em outro mundo.

A proposta de discutir a obra partiu de Abbt, e foi aceita por Mendelssohn, que nutria uma consideração positiva por ela. Abbt ficou encarregado de lançar questionamentos, enquanto Mendelssohn destacou na discussão os pontos favoráveis ao ponto de vista de Spalding. Dessa troca epistolar originou-se a obra ficcional publicada em meados de 1764 no número 287 do *Literaturbrief*, contendo primeiramente as objeções de Abbt num ensaio que o editor intitulou *Zweifel über die Bestimmung des*

Menschen; em sequência viria as elucidações de Mendelssohn no ensaio intitulado *Orakel, die Bestimmung des Menschen betreffend*. Na edição, Nicolai, o editor do *Literaturbrief*, ficciona que havia recebido os dois ensaios de uma pessoa desconhecida na forma de um tratado já impresso em Schinznach em 1763, derivado da discussão entre dois personagens, Euphranor e Theodul¹¹.

Ao comparar a datação da proposta inicial de uma releitura do *Fédon* com o início da correspondência entre Mendelssohn e Abbt, é possível afirmar que a necessidade de lançar uma releitura racionalista moderna de temas filosóficos da antiguidade já estava presente no horizonte de Mendelssohn desde muito cedo. O diálogo com seu amigo Abbt criou o estado de espírito propício para o avanço desse projeto. Um ponto que corrobora essa visão pode ser identificado na presença de elementos da discussão sobre a determinação do homem a partir do segundo diálogo do *Fédon* de Mendelssohn, que surgiu após a “primeira parte” enviada a Iselin. Nesse trecho, Mendelssohn coloca na boca de Cebes: “Meus conceitos de divindade, de virtude, de dignidade do homem e da relação em que ele se encontra com Deus, não me deixam mais nenhuma dúvida sobre sua determinação. A esperança de uma vida após esta resolve todas essas dificuldades e restaura a harmonia das verdades das quais estamos convencidos de tantas maneiras diferentes”.

É provável que Mendelssohn tenha retomado seu trabalho, dando início ao segundo diálogo do *Fédon*, em fevereiro de 1765, um ano após o início do debate sobre a determinação do homem, pois em 16 de fevereiro de 1765, ele escreveu para Abbt:

11. Trazemos em nossa edição a tradução de tal discussão. N.E.

Tinha a intenção de continuar nossa correspondência sobre a determinação do homem. No entanto, como estou escrevendo uma pequena obra sobre a imortalidade da alma, como você sabe há algum tempo, pretendo preencher a segunda parte com reflexões sobre nossa determinação. Portanto, quero me dar tempo para pensar profundamente sobre isso¹².

No entanto, até 22 de julho de 1765, data da última carta que Mendelssohn enviara a seu amigo, que morrera repentinamente em 3 de novembro de 1766, o assunto prosseguiu de diferentes maneiras. Abbt, que morreu aos 27 anos, não viveu o suficiente para presenciar o findar definitivo das discussões que, segundo Mendelssohn, estariam concluídas de sua parte a partir da publicação do *Fédon*. Sobre isso, sua última carta é reveladora:

Você diz que eu estou em dívida com você por uma resposta às suas perguntas teológicas. Pode ser. Mas saiba que estou lidando com isso e vou lhe enviar uma resposta impressa que conterà cerca de dez folhas e, portanto, já deve lhe dar algo para se ocupar... Suas perguntas me incentivaram a concluir um tratado sobre a imortalidade da alma, que comecei há muitos anos. Coloco meus argumentos na boca de Sócrates. Corro o risco de talvez transformar meu Sócrates em um leibniziano. Mas isso não importa. Eu preciso de um pagão para não me envolver com a revelação. Além disso, Platão já o transformou em um pitagórico; e

12. Mendelssohn, Moses. *Gesammte Schriften V*, p. 343.

quem sabe se ele não ganhará comigo? Porque com Platão ele realmente perdeu. Você não vai acreditar na péssima metafísica que o filho de Aristão lhe atribui. Estes são os ovos que comecei a incubar neste verão, e por isso não posso abandoná-los. Vou adiar para outra ocasião a viagem de lazer que você me propõe e que me agrada muito. Precisamos estar significativamente mais próximos da decisão de nossa questão antes de nos encontrarmos pessoalmente; e sou vaidoso o suficiente para prometer isso a mim mesmo em meu tratado¹³.

Embora não possamos saber qual teria sido a reação de Abbt, sabemos que a obra, publicada em 1767, foi amplamente bem recebida, tornando-se um desiderato entre o público ilustrado. Mendelssohn viu a primeira edição de seu projeto de um Sócrates modernizado esgotar em apenas quatro meses, com a segunda e a terceira edições sendo publicadas em 1768 e 1769, respectivamente. Além disso, ele acompanhou o rápido processo de tradução de sua obra para outras línguas, emitindo comentários específicos sobre as traduções holandesa (1769), francesa (1772), italiana (1773), dinamarquesa (1779) e russa (1779).

O sucesso do *Fédon* de Mendelssohn pode ser atribuído a uma confluência de fatores. Primeiramente, havia um crescente interesse pelo tema da imortalidade, amplamente introduzido pela escola racionalista de Christian Wolff e discutido no contexto da *Aufklärung*. Esse interesse foi exacerbado pela proposta inovadora de uma releitura modernizada da obra de Platão, oferecendo ao

13. Mendelssohn, Moses. *Gesammte Schriften V*, p. 366.

público a chance de explorar argumentos racionalistas sob a perspectiva de Sócrates. Além disso, Mendelssohn ajustou a grandiosidade estilística da escrita de Platão para tornar os discursos mais acessíveis ao gosto do período, oferecendo uma apresentação mais adequada para os argumentos originais. Essa adaptação ao estilo da época ajudou a tornar a obra mais atraente e compreensível para seus leitores. A questão de a obra ter sido apresentada como um ponto intermediário entre uma tradução e uma obra própria foi objeto de controvérsias entre os críticos. No entanto, é certo que esse forma inusitada reforçou ainda mais sua originalidade, que se recusava a se encaixar em um padrão aceito, tendo gerado uma curiosidade inicial inevitável.

O conteúdo da obra foi tão impressionante quanto sua forma, transformando a curiosidade inicial em um reconhecimento imediato da excelência expositiva. Mendelssohn manejou os argumentos com precisão e apresentou-os de maneira acessível e elegante. A obra é estruturada com um prefácio, uma seção que contextualiza a vida de Sócrates — onde é retratado com características modernas — e três diálogos principais.

No primeiro diálogo, Mendelssohn desenvolve sua primeira defesa da imortalidade da alma, distinguindo entre o conhecimento sensorial e o conhecimento das ideias. Ele argumenta que tal conhecimento ou é inato ou preexiste ao nascimento e é gradualmente descoberto; dado que o conhecimento das ideias não pode ser adquirido por meio dos sentidos, deve-se concluir que a alma teve uma pré-existência consciente. Além disso, Mendelssohn afirma que a morte não deve ser vista como uma interrupção no curso da natureza. Em vez disso, a morte é concebida como um elo numa cadeia contínua de mudanças. A transição do ser para o nada seria uma ruptura inaceitável com o processo natural, sugerindo que

algo deve persistir após a morte. Portanto, é inevitável que a alma continue a existir, a menos que Deus a aniquile por meio de um milagre que quebraria o processo natural.

Um primeiro desvio significativo em relação ao diálogo do “filho de Aristão”, e que contribuiu para a familiaridade do leitor moderno, ocorre no primeiro diálogo, quando Mendelssohn estabelece Deus como objeto mais elevado do conhecimento em vez de endossar as ideias de justiça, beleza e bondade, como faz Platão como preceito de sua doutrina das formas. “Na verdade”, como diz Mendelssohn, “todo conceito de beleza espiritual é um vislumbre da essência da divindade, pois as coisas belas, ordenadas e perfeitas que percebemos são uma leve impressão d’Aquele que é a beleza, a ordem e a perfeição soberanas”. Essa abordagem reflete uma inclinação notável para o conceito de Deus da escola racionalista de Leibniz e Wolff, que o entendem como o *ens realissimum e perfectissimum*.

No segundo diálogo, Mendelssohn oferece uma defesa robusta da imortalidade da alma ao expor as falhas da visão materialista que nega sua existência. Sem dúvida, Mendelssohn está em debate com os materialistas de sua época, especialmente com La Mettrie, que residia em Berlim. Enquanto no diálogo platônico Símias se limita a seu famoso argumento materialista — que compara a alma à harmonia de uma lira, que não sobrevive à destruição do instrumento —, no *Fédon* de Mendelssohn ele fala como um materialista francês, segundo os quais a percepção e a razão não são nada além de qualidades de um composto, como é a saúde, a vida, a harmonia etc. De modo geral, o diálogo se encaminha para demonstrar as propriedades diferentes atribuídas ao pensamento e à matéria.

O segundo diálogo se orienta para demonstrar as diferentes propriedades atribuídas ao pensamento e à matéria. Mendelssohn argumenta que o pensamento, por ser indivisível, possui a propriedade de simplicidade, enquanto os compostos possuem propriedades como extensão e movimento. Como essas propriedades são representações da alma que as concebe, a alma não pode ser reduzida à matéria, mas deve precedê-la. Em outras palavras, a alma é a condição necessária para perceber a distinção entre o simples e o composto, possibilitando a diferenciação entre pensamento e matéria. Assim, a simplicidade do pensamento assegura sua indestrutibilidade; portanto, sendo imaterial e simples, a alma também deve persistir.

O terceiro diálogo é onde Mendelssohn se destaca ao tentar reconciliar o ideal platônico de perfectibilidade prática com o ideal da *Aufklärung* de aperfeiçoamento moral. Ele coloca o conceito de aperfeiçoamento no cerne de sua terceira prova da imortalidade da alma, argumentando que a ideia de um fim absoluto na morte, onde o homem deixaria de evoluir, é inconcebível. Mendelssohn vê o aperfeiçoamento como algo que transcende o plano terreno e serve como uma demonstração da providência divina. Inspirado pela ideia leibniziana de um mundo imortal no qual cada mônada se esforça em direção à perfeição, Mendelssohn introduziu a noção de uma perfectibilidade infinita, estando em confluência com a ideia originária de Spalding e que fundamentou diversas discussões arroladas no seio da filosofia clássica alemã.

Por outro lado, se este plano fosse o único, a vida se tornaria um fim em si mesma, sem objetivo além dela própria. Nesse cenário, a meta do aperfeiçoamento seria finita, o que Mendelssohn considera incompatível com a natureza do aperfeiçoamento humano e com a noção de uma providência divina que orienta e sustenta o desenvolvimento moral contínuo. Mais especificamente,

ele argumenta que, se a vida fosse o fim último e a alma não fosse imortal, a preservação da própria vida se tornaria o bem supremo, a ponto de justificar a negligência de deveres morais em prol da autopreservação. No entanto, sabemos que existem princípios morais, muito persuasivos quanto a seu dever, que exigem de nós esse sacrifício. O erro, por sua vez, só poderia estar na premissa de que a alma não é imortal.

Além disso, a premissa da mortalidade da alma poderia levar a conflitos entre indivíduos, onde a autopreservação de um entraria em conflito com a de outro, resultando em uma “guerra de todos contra todos”. Nesse cenário, cada indivíduo agiria conforme suas próprias premissas, tornando a convivência moralmente insustentável e reforçando a necessidade de uma visão imortal da alma para garantir a harmonia e o aperfeiçoamento contínuo.

Luiz Filipe Oliveira
Três Rios, RJ, 17/07/2024

PREFÁCIO

Os seguintes diálogos de Sócrates com seus amigos sobre a imortalidade da alma seriam dedicados ao meu amigo Abbt. Foi ele quem me encorajou a retomar este trabalho que havia sido iniciado e deixado de lado por vários anos. Quando ele ainda era professor de Rinteln, revelou-me, em uma de suas cartas amigáveis, seus pensamentos sobre *A determinação do homem* de Spalding. Da nossa correspondência sobre este assunto, nasceram os pequenos ensaios que aparecem na décima nona parte das *Cartas sobre Literatura*, sob o título: *Dúvidas e Oráculo sobre a determinação do homem*. Tive a sorte de obter a aprovação do meu amigo sobre alguns dos pontos mais importantes, embora não tenha sido capaz de satisfazê-lo em todos eles. Com a franqueza de um verdadeiro amigo, ele derramou em meu peito os sentimentos mais secretos de sua alma, de todo o seu coração. Suas reflexões filosóficas foram impulsionadas pelos afáveis sentimentos de um bom coração, que teriam incendiado o amor pela verdade no mais frio peito, e mesmo suas dúvidas pessoais nunca deixaram de descobrir novas perspectivas e de colocar a verdade em uma luz mais brilhante. Seguindo o nosso acordo, eu deveria elaborar os diálogos que se sucedem aqui, nos quais apresentaria as doutrinas mais nobres com as quais concordamos; e estas deveriam servir posteriormente como base da nossa correspondência.

Mas a providência agradou-se de remover da terra este gênio florescente antes do seu tempo. Curto e notável foi o curso de vida que ele completou aqui. Sua obra *Sobre o Mérito* permanecerá para os alemães como um monumento inesquecível de seus próprios méritos: em comparação com seus anos, esta obra merece a admiração da posteridade. Que frutos não se poderiam esperar de uma árvore cuja flor era tão esplêndida! Ele tinha ainda outras obras em andamento, que teriam aumentado em perfeição, assim como ele teria aumentado em experiência e poderes do espírito. Todas estas lindas esperanças desapareceram! A Alemanha perde nele um excelente escritor, a humanidade um sábio amoroso, cujo sentimento era tão nobre quanto seu entendimento alegre; seus amigos perdem o amigo mais terno, e eu perco um companheiro no caminho para a verdade, que me alertou sobre os passos errados.

Seguindo o exemplo de Platão, fiz com que Sócrates, em suas últimas horas, expusesse a seus discípulos as razões em favor da imortalidade da alma humana. O diálogo do escritor grego, chamado *Fédon*, possui uma infinidade de belezas extraordinárias que merecem ser utilizadas — o melhor da doutrina da imortalidade. Tirei proveito de sua forma, arranjo e eloquência, procurando apenas fornecer as evidências metafísicas segundo o gosto de nosso tempo. No *primeiro diálogo* pude ficar um pouco mais perto do meu padrão. Vários dos meus argumentos pareciam requerer apenas uma pequena mudança de estilo, enquanto outros necessitavam de um desenvolvimento dos seus fundamentos para alcançar a força convincente que falta nos diálogos de Platão para um leitor moderno. A longa e veemente declamação contra o corpo humano e seus carecimentos, que Platão parece ter escrito mais no espírito de Pitágoras do que de seu mestre, precisou ser consideravelmente suavizada devido às nossas melhores concep-

ções do valor desta criatura divina; e ainda assim soará estranho aos ouvidos de alguns leitores atuais. Confesso que mantive esta seção simplesmente para prestar homenagem a eloquência vitoriosa de Platão.

A partir de então achei necessário abandonar completamente Platão. Suas provas da imaterialidade da alma parecem, ao menos para nós, tão superficiais e caprichosas, que dificilmente merecem uma refutação séria. Se isso se deve à nossa melhor visão filosófica, ou à nossa pobre compreensão da linguagem filosófica dos antigos, não sou capaz de decidir. No *segundo diálogo* escolhi uma prova da imaterialidade da alma que os discípulos de Platão dispuseram e alguns filósofos modernos adotaram. Pareceu-me não só convincente, mas também mais adequado ser apresentada segundo o método socrático.

No *terceiro diálogo* tive que me refugiar completamente nos modernos e permitir que meu Sócrates quase falasse como um filósofo do século XVIII. Prefiro cometer um anacronismo a deixar de lado argumentos que possam contribuir para convencer o leitor. Minha intenção não era indicar as razões de seu tempo, que o sábio grego tinha para acreditar na imortalidade da alma, mas sim quais razões um homem como Sócrates, que gostava de basear sua crença na razão, encontraria em nossos dias, após os esforços de tantas grandes mentes, para crer que sua alma fosse imortal.

Desta forma, surgiu este híbrido de tradução e elaboração própria. Se apresentei algo novo, ou simplesmente afirmei de uma maneira diferente o que já foi dito muitas vezes, é algo que outros devem decidir. É difícil ser completamente original em um assunto sobre o qual tantas grandes mentes refletiram, e é ridículo querer fingir que o sou. Se eu tivesse citado autores, os nomes de *Plotino*, *Descartes*, *Leibniz*, *Wolff*, *Baumgarten*, *Reimarus*, entre

outros, teriam aparecido. Assim, talvez, o leitor tivesse notado mais claramente o que acrescentei por conta própria. Contudo, para o mero entusiasta, é irrelevante se um argumento é atribuído a esta ou aquela pessoa; e o erudito sabe bem como distinguir o que é meu do que é seu em assuntos tão importantes. No entanto, peço ao meu leitor que esteja atento aos argumentos que apresento aqui sobre a harmonia das verdades morais e, especialmente, do sistema de nossos direitos e deveres. Eu não me recordo de tê-los lido em qualquer outro escritor, e me parecem convincentes para aqueles que concordam com os princípios. O gênero da exposição me obrigou a usá-los como meros princípios persuasivos, mas considero-os capazes de serem desenvolvidos com o rigor da mais estrita lógica.

Considerei oportuno escrever uma introdução sobre o caráter de Sócrates, que é a figura principal nos diálogos, a fim de refrescar a memória do meu leitor sobre este filósofo. Para este propósito, me serviu de guia o trabalho *A vida de Sócrates* de Cooper^{14*}, mas as fontes originais também foram consultadas.

A VIDA E O CARÁTER DE SÓCRATES

Sócrates, filho do escultor *Sofronisco* e da parteira *Fenareta*, o mais sábio e virtuoso entre os gregos, nasceu no quarto ano da septuagésima sétima Olimpíada, em Atenas, no clã *Alopeciano*. Na juventude, seu pai o encorajou na arte da escultura, na qual Sócrates deve ter feito não poucos progressos se, como muitos afirmam, as *Graças vestidas* que ocupava a parede de Atenas atrás da estátua de Minerva, foi realmente trabalho dele. Os tempos em que viveram Fídias, Zêuxis e Míron não teriam dado um lugar tão importante a um trabalho medíocre.

Aproximadamente em seu trigésimo ano, quando seu pai já havia morrido há muito tempo e ele, sem qualquer inclinação particular, mas por necessidade, ainda praticava a arte da escultura, *Críton*, um ateniense distinto, o conheceu, reconheceu seus talentos sublimes e julgou que ele poderia ser muito mais útil ao gênero humano através de seu pensamento do que através de seu trabalho manual. Assim, retirou-o da escola de arte e o apresentou aos sábios de seu tempo para que pudesse contemplar e imitar belezas de ordem mais elevada. Da mesma forma que a arte ensina a imitar a vida naquilo que é sem vida, ao fazer com que a pedra se assemelhe à forma humana, assim a sabedoria busca imitar o infinito no finito para aproximar a alma do homem, tanto quanto

14*. London, 1750.